

A IMPENETRABILIDADE DO *UIR*: UMA ANÁLISE A PARTIR DE *PETR. SAT. 9*¹.

Fabrizio Sparvoli Godoy²

RESUMO: o presente texto enseja criticar a ideia da impenetrabilidade do corpo do *uir* romano, defendida sobretudo pela História da Sexualidade foucaultiana. Dessa maneira, comentarei, em primeiro lugar, acerca do surgimento da História da Sexualidade e sobre sua vertente historiográfica foucaultiana. Em seguida, sugerirei uma possível análise da nona seção do *Satyricon*, de Petrônio, contrapondo-a à vertente foucaultiana. Desta maneira, almejo sugerir outro viés de análise, mais complexo, menos centrado nas normatizações do *uir*, sobre a homossexualidade masculina em Roma.

PALAVRAS-CHAVE: História Antiga; Roma; História da Sexualidade; Literatura Latina; *Satyricon*, de Petrônio.

ABSTRACT: this paper aims to criticize the notion of body impenetrability of Roman *uir*, predominantly stated by the Foucauldian History of Sexuality. Therefore, firstly, I will comment on the emergence of the History of Sexuality and its Foucauldian historiography. Furthermore, I will suggest a possible analysis to Petronius's *Satyricon* ninth section, confronting it against the Foucauldian point of view. Hence, I intend to suggest another interpretation of Roman Male Homosexuality, a more complex one, not focused on *uir* normative discourses.

KEYWORDS: Ancient History; Rome; History of Sexuality; Latin Literature; Petronius's *Satyricon*.

“Ciência da diversidade” – eis uma das máximas que Marc Bloch utiliza para caracterizar a História (2002, p. 54), em seu célebre livro escrito em 1944, e que se ajusta bem à História que tiver por objeto o estudo das sexualidades.

¹ Uma versão do presente texto foi apresentada no 23º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP (SIICUSP), em 08 de outubro de 2015, tendo sido indicada como destaque pela Comissão Organizadora do evento. Agradeço ao Prof. Norberto Luiz Guarinello por sua leitura e comentários prévios; à Profa. Amy Richlin (UCLA, EUA), por sua orientação presente, mesmo que à distância; à parecerista anônima, por suas sugestões; a todos os membros do LEIR-MA/USP; e aos que estiveram presentes no evento e comigo debateram as ideias que agora publico. *uobis cano, et Musis*.

² Graduando em História pela FFLCH/USP e membro do LEIR-MA/USP. Desenvolvo o projeto de Iniciação Científica “Homossexualidades masculinas romanas: um estudo do *Satyricon*, de Petrônio”, orientado pelo Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello (DH-FFLCH/USP) e financiado pela FAPESP (processo nº 2015/12101-1). E-mail: fabrizio.godoy@usp.br.

Contudo, desde que Bloch assim chamou a História, mais duas ou três décadas haveriam de passar-se até que se incluísse nesta máxima um adjetivo: *sexual*.

A História da Sexualidade é um recorte temático e analítico do passado bastante recente. Sua origem está na influência que os movimentos contestatórios feministas e de liberalização da sexualidade, que explodem a partir dos anos 1960 e 1970, sobretudo nos Estados Unidos e Europa, têm sobre jovens historiadores e historiadoras³. Tais historiadores e historiadoras passaram, então, a buscar seus passados enquanto mulheres, homossexuais, lésbicas, o que significou produzir uma História que fosse não apenas *um* “estudo *dos homens* no tempo” (Bloch, 2002, p. 24, grifo meu), mas também como um estudo de mulheres, homossexuais, lésbicas no tempo⁴.

O estudo dos homossexuais na Antiguidade Clássica⁵ tem sido, desde então, grandemente influenciado pelo primeiro volume, de 1976, da *Histoire de la Sexualité*, do filósofo francês Michel Foucault. Pode-se dizer que esta é a primeira obra a teorizar a História da Sexualidade, e a que tem tido mais influência no campo (Richlin, 2013). Três de suas formulações são aqui importantes: 1 – de que a sexualidade é uma construção do século XIX, fruto da convergência de discursos científicos, que são perpassados por jogos discursivos de poder; 2 – de que, desta maneira, com a criação no campo científico da categoria homossexual, o que ocorre em 1870, surgem a homossexualidade e o homossexual (o sujeito que se reconhece enquanto participante desta categoria); 3 – de que, portanto, falar em homossexualidade ou homossexuais antes do século XIX é um anacronismo a ser evitado. (Foucault, 2012, p. 29 e 50-53).

O primeiro ponto, que diz que a sexualidade é perpassada por jogos discursivos de poder, é o que por ora importa. Pretendo mostrar como ele tem

³ Ainda assim, a interação entre a busca por um passado, sobretudo “clássico”, que servisse de instrumento de afirmação aos homossexuais pode ser rastreada antes destes anos, até mesmo o início do século XIX. Tal interação, no século XIX, deu-se devido à valorização da Antiguidade Clássica enquanto o suposto berço fundacional da Civilização Ocidental, uma época, portanto, que por ser valorizada, poderia trazer legitimidade aos homossexuais. É importante ressaltar que grande parte dos pressupostos contemporâneos da historiografia da homossexualidade na Antiguidade Clássica (e.g., a sobrevalorização da Grécia Antiga sobre Roma) vem deste período. Cf. Matzner(2010) e Richlin (2005).

⁴ Para a História da História da Sexualidade, cf. Crompton (2003), Garton(2004,) Richlin (2013) Skinner (2014).

⁵ Há um debate sobre a validade, ou não, em falar-se em homossexualidade em períodos pré-modernos, o qual não aprofundarei aqui. Para exemplo de trabalhos que defendem tal possibilidade, cf. Richlin (1993a; 1993b) e Boswell (1980; 1991); para exemplo de trabalhos que negam tal possibilidade, cf. Williams (2010) e Halperin (1989). Este texto concorda com a primeira vertente indicada.

sido retomado por alguns historiadores da Antiguidade, que o associam a dicotomias como ativo/passivo, em favor do parceiro dito ativo, i.e., o homem supostamente pleno em poder e cidadania, o *uir* romano, impenetrável⁶. Para isso, farei referênci a três dos autores autores mais influentes, localizados no âmbito da historiografia foucaultiana: Paul Veyne, Géraldine Puccini-Delbey, e Jonathan Walters.

Inicio por Paul Veyne, que, em seu famoso artigo *L'Homosexualité à Rome*, originalmente publicado em 1981, precursor das reflexões acerca da homossexualidade na Roma Antiga, afirma ser “*monstruoso* por parte de um cidadão [*uir*] ter prazeres servilmente passivos” (Veyne, 2010, p. 230, grifo meu). Assim, “de acordo com seu gosto pessoal, cada um optava pelas mulheres, pelos rapazes, ou por umas e por outros” (*idem*, p. 231). Conclui ele, portanto, que

nesse mundo, a conduta de cada um *não era classificada segundo o sexo*, amor das mulheres ou dos rapazes, *mas em atividade ou passividade*: ser ativo era ser um macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro dito passivo. *Ter prazer virilmente ou dar-se servilmente era tudo* (*idem*, p. 233, grifos meus).

Já Puccini-Delbey, autora de *La vie sexuelle à Rome*, originalmente publicado em 2007, afirma que

em Roma, a diferença [sexual entre as pessoas] baseia-se não no sexo biológico; mas sim nos *estatutos sociais* e nas *classes etárias*, que *implicam em um papel sexual a adoptar, ativo ou passivo*. (Puccini-Delbey, 2010, p. 13, grifos meus).

Ela prossegue pontuando que “*a sociedade romana é feita para e pelo cidadão livre [uir]*. Assim, *a noção de masculinidade é central*” (*idem*, p. 14, grifos meus). Finalmente, Puccini-Delbey conclui que

A identidade masculina assenta[-se] numa oposição binária: por um lado, os homens, os machos (*uir*), aqueles que em Roma detêm o poder, os que penetram; por outro lado, todos os outros, aqueles que não possuem o poder, os que são penetrados – as mulheres,

⁶ Para o debate com o Foucault, no campo dos Estudos Clássicos, cf. Boswell (1991), Ormand (2014), Rabinowitz & Richlin (1993), Richlin (1993a; 1993b; 2013) e Skinner (2014).

os rapazes, os escravos. *Roma não possui um modelo igualitário no domínio das relações sexuais.* (*ibidem*, grifos meus).

Jonathan Walters, por sua vez, em um artigo de 1999, *Invading the Roman Body: Manliness and Impenetrability in Roman Thought*, cujo objetivo é pensar o corpo do romano, sua masculinidade e impenetrabilidade, pontua que

o protocolo sexual romano que definia os homens como *penetradores impenetráveis* pode ser mais bem entendido dentro do contexto de *um padrão conceitual mais amplo que caracterizava os detentores de alto estatuto social* como capazes de defender as fronteiras de seus corpos de assaltos invasivos de todos os tipos [inclusive a penetração sexual] (Walters, 1999, p. 30, grifos meus)⁷

Isto indica que o âmbito do gênero e sexualidade, na cultura romana, estaria relacionado com o do status social, sendo que o emprego de uma

retórica do gênero (ela mesma dependente de um uso metafórico do sexo biológico), portanto, parece ser *parte de um padrão cultural mais amplo* no qual o estatuto social seria caracterizado a partir de uma percepção da integridade corporal e da imunidade, ou sua ausência, contra invasões exteriores (*ibidem*, grifos meus).⁸

Esta interpretação da sexualidade em Roma constitui-se em um “penetration model” (Skinner, 2014, p. 7), ou também um “subject-verb-object model” (Richlin, 1993a, p. xviii), que têm sido majoritariamente tomados pela historiografia foucaultiana como sendo paradigmáticos da homossexualidade masculina em Roma. Contudo, tal vertente historiográfica erra ao endossar o ponto de vista das fontes que utiliza – “ao adotar o ponto de vista de suas fontes, Foucault acaba por reproduzir suas omissões”⁹ (Richlin, 1993a, p. xiv), como também a historiografia foucaultiana da História da Sexualidade na Antiguidade o faz, eu diria.

⁷ (...) *the Roman sexual protocol that defined men as impenetrable penetrators can most usefully be seen in the context of a wider conceptual pattern that characterized those of high social status as being able to defend the boundaries of their body from invasive assaults of all kinds.*

⁸ *rhetoric of gender (itself dependent on a metaphorical use of biological sex) thus appears to be part of a wider cultural pattern whereby social status was characterized on the basis of a perceived bodily integrity and freedom, or the lack of it, from invasion from the outside.*

⁹ *by adopting the point of view of his sources, Foucault ends by replicating their omissions*

É interessante notar, por exemplo, que o mesmo Jonathan Walters que escreve sobre o “impenetrable penetrator” romano, anteriormente mencionado, começa o referido artigo dizendo que

Este ensaio não examina como outros poderiam pensar ou falar, ou escrever se pudessem, nem mesmo como um membro individual qualquer daquela elite masculina poderia pensar na privacidade de sua própria mente, nem a forma com a qual indivíduos desviantes ou subculturas sociais poderiam pensar e falar; ele enfatiza apenas a ideologia dominante, hegemônica da sociedade romana, expressa ou implícita nas formas centrais de discurso público (WALTERS, 1999, p. 29, grifos meus).¹⁰

Ou seja, mesmo consciente desta possibilidade, a de buscar-se o que outros podem ter pensado ou falado, fossem indivíduos desviantes ou subculturas sociais, o autor escolhe, conscientemente, centrar-se apenas na ideologia dominante, hegemônica. Tal escolha é determinante, não livre de consequências ideológicas e interpretativas, que deve ser ponderada. Reconhecê-lo, portanto, é de suma importância.

Tal *penetration model*, assim, é uma visão rígida, monolítica, assimétrica, da sexualidade entre os romanos, baseada na leitura acrítica, subserviente, dos textos antigos. Por leitura acrítica e subserviente penso naquela que não considera o espaço em que os textos foram produzidos, o público ao qual direcionavam-se, e suas finalidades. Assim lê-los, sem se considerar tais questões, leva-se a enfatizar, e concordar com, uma figura que se representa a si mesma como superior às demais, atitude que, inclusive, condiz com a longa tradição elitista e machista dos Estudos Clássicos (Rabinowitz, 1993, p. 4-5). Desta forma, tais demais figuras são preconceituosamente, ainda hoje, pensadas enquanto submissas, inferiores e passivas em sua História.

No entanto, “atitudes sexuais de quem? Quando? As pessoas levavam isso a sério? Que pessoas? Que outro tipo de informação estava disponível? Essas questões ficam de fora dos limites definidos do projeto de Foulcaut” (Richlin,

¹⁰ *this essay does not examine how others might think or talk, or write if they could, nor even how any individual member of this male elite might think in the privacy of his own mind, nor the way in which deviant individuals or social subcultures might think and talk; it stresses only the dominant, hegemonic ideology of Roman society, expressed or implied in its central forms of public discourse*

1993a, p. xv, grifo da autora)¹¹, e também dos de seus seguidores, eu diria. Tais são as questões que balizam o presente texto, no sentido de repensar e criticar tal historiografia foucaultiana, e fugir deste ponto de vista acerca da impenetrabilidade do *uir*. Se há uma hierarquia sexual romana enfatizada pela documentação antiga, que diferencia os sujeitos nela envolvidos, a ênfase da historiografia, no entanto, depende apenas do historiador. Neste contexto de crítica documental e historiográfica, de busca por uma sexualidade subalterna, vista de baixo¹², insere-se o presente texto.

O *Satyricon*, obra trabalhada na presente pesquisa em andamento, é uma sátira, que chegou à modernidade em estado fragmentário. Desde sua redescoberta no século XVI, o *Satyricon* vem gerando inúmeros e infundáveis debates, e “se há alguma característica que podemos atribuir ao *Satyricon* com absoluta certeza é a de obra polêmica” (Faversani, 1998, p. 15). Embora não pretenda me aprofundar, aqui, nestes debates, é necessário dizer que, recentemente, chegou-se a relativa concordância quanto aos seguintes pontos: o estabelecimento atual do texto; a sua datação, o século I d.C.; o seu autor, o Petrônio descrito nos *Anais* de Tácito¹³; e seu título original, *Satyrice*, tradicionalmente não adotado no Brasil¹⁴.

Trabalhar com literatura, principalmente satírica, impõe algumas dificuldades metodológicas ao historiador, e constitui outro infundável debate o qual também não aprofundarei aqui. Assumo apenas que: o discurso historiográfico pode ser pensado como um movimento que tende à realidade, mesmo que nunca a toque (Richlin, 1993a, p. xx); que, por trás da documentação antiga há materialidade de práticas que podem ser deduzidas dos textos, o que garante ao discurso historiográfico a sua tendência ao real (*ibidem*); que o Petrônio de Tácito, mesmo sendo um homem de elite, ao produzir literatura satírica, que possui matéria baixa, insere nela uma sexualidade, e personagens que a praticam, de modo que condiz com a baixeza da matéria (*ibidem*); que a sátira, para ser engraçada, expõe dissensos, exagerando-os; que, finalmente, a construção literária antiga, mesmo que ficcional, tem por pressuposto, para que

¹¹ “whose sexual attitudes? When? Did people take this seriously? What people? What other information is available? These questions lie outside the defined limits of Foucault’s project”

¹² Para reflexão sobre a História vista de baixo, maneira de produzir a História que aqui me influencia, cf. Sharpe (1992).

¹³ Cf. Tácito, *Annales*, XVI, 18-20.

¹⁴ Para uma visão de conjunto e mais aprofundada de tais debates, cf. Prag & Repath, 2009.

seja bem recebida pelo público, uma construção a partir da verossimilhança, ou seja, a partir da representação daquilo que, mesmo não sendo factualmente verídico, é veridicamente factível (Reboul, 2004, p. 95-96).

Tratarei apenas da nona seção do *Satyricon*, das cento e quarenta e uma totais¹⁵. Tal seção é o encontro entre Encólpio, o narrador, e um de seus parceiros, Gitão, que chora. Após perguntar insistentemente o motivo das lágrimas, Encólpio descobre que Ascilto, o outro membro do trio amoroso, tentara forçar Gitão a fazer sexo com ele (Petr. *Sat.* 9.1-3). Ao saber disso, Encólpio, ensandecido com a situação, aponta para Ascilto e grita: “O que você me diz, sua bicha prostituta [*muliebris patientiae scortum*], de quem nem o hálito é puro [*ne spiritus purus est*]?” (Petr. *Sat.* 9.6). Ascilto finge estar indignado (*inhorrescere se finxit*), ergue suas mãos com mais força e começa a gritar ainda mais alto do que Encólpio (Petr. *Sat.* 9.7):

Você ainda tem coragem de dizer alguma coisa, seu gladiador indecente [*gladiator obscene*], a quem a arena salvou da ruína? Você não vai calar a boca, seu assassino noturno, que nem quando gozava de todo o vigor chegou aos pés de uma mulher pura [*ne ... cum pura muliere pugnavisti*], você, de quem fui companheiro no parque [*in uiridario frater fui*] nesta mesma situação em que agora está esse garoto na hospedaria [*in diuersorio puer est*]?” (Petr. *Sat.* 9.8-9)

É importante dizer que Encólpio, Ascilto e Gitão são, provavelmente, libertos e pobres (Petr. *Sat.* 107). Gitão tem cerca de 16 anos (Petr. *Sat.* 97.2), enquanto Encólpio e Ascilto têm idades desconhecidas, mas certamente são da mesma faixa etária, porém mais velhos que Gitão (Richlin, 2009, p. 87-88).

É importante notar, inicialmente, que segundo a moral do *uir*, dizer que alguém não tem o hálito puro equivale a afirmar que o sujeito é praticante de sexo oral, uma atividade considerada passiva, posto que dá prazer àquele que é felado (Veyne, 2008, p. 235). Ascilto, portanto, é visto por Encólpio como passivo, o que é reforçado pela expressão *muliebris patientiae scortum* (Petr. *Sat.* 9.6), traduzida por Bianchet como “bicha prostituta”, mas que literalmente estaria

¹⁵ Utilizo-me da tradução feita por S. M. B. Bianchet, em 2004. Quando necessário, faço referência ao original latino e crítico a tradução proposta.

mais próximo de “prostituto de sofrimento igual ao das mulheres”, i.e., sujeito penetrado sexualmente, passivo¹⁶.

No entanto, Ascilto, mesmo sendo considerado passivo por Encólpio, quer penetrar Gitão a força, ou seja, quer ser ativo. Isso fica claro no trecho em que é narrado que ele, Ascilto, empunhou sua espada (*gladium*) e disse: “Se você é Lucrécia, então encontrou um Tarquínio” (Petr. *Sat.* 9.5). A palavra latina *gladius*, que significa espada, aqui é sinônimo de *mentula*, palavra de baixo calão para pênis (Adams, 1983, p. 21). Além disso, ao nomear-se Tarquínio, Ascilto faz referência à história do estupro de Lucrécia, uma mulher pura, o que teria causado o fim do período monárquico romano¹⁷. Gitão é Lucrécia, o passivo; Ascilto, que é Tarquínio, e é tido como passivo por Encólpio, e nesse momento deseja penetrar¹⁸. Deve-se notar, também, que Gitão, mesmo sendo o passivo, não tem de necessariamente submeter-se à vontade e poder de Ascilto, o ativo.

Quanto a ofensa que Encólpio dirige a Ascilto, a de ser chamado sujeito sexualmente passivo (Petr. *Sat.* 9.6), é importante notar que o supostamente ofendido não se faz verdadeiramente indignado, mas, ao contrário, finge-se ofendido (*inhorrescere se finxit*, Petr. *Sat.* 9.7) e passa a ofender Encólpio, chamando-o de obsceno (*obscene*, Petr. *Sat.* 9.8) e mais fraco que uma mulher (*ne ... cum pura muliere pugnasti*, Petr. *Sat.* 9.9). Ao fazer isso, Ascilto subverte a ofensa: o passivo, que deveria ser o ofendido, passa a ofender o ativo, que era para ser o ofensor. Não contente, Ascilto, ainda fingindo-se indignado, continua e relembra que ele próprio fora companheiro de Encólpio, em um parque (*in uiridario frater fui*, Petr. *Sat.* 9.9), na mesma situação que agora encontra-se Gitão, na hospedaria (*in deuersorio puer est*, Petr. *Sat.* 9.9), i.e., sendo o companheiro que é penetrado passivamente.

Temos aqui uma cena curta, mas plena de significados e reconfigurações: Ascilto transita entre atividade e passividade; Encólpio, mesmo mostrando-se como ativo, tem menos poder que Ascilto, o passivo, e o mesmo que uma mulher, segundo o texto; Gitão, mesmo sendo passivo, pode recusar-se a ser penetrado. E mesmo com todos estes rearranjos de papéis sexuais, e, portanto, de

¹⁶ Esta expressão é uma derivação de *muliebria pati*, lit. sofrer, aguentar como uma mulher, i.e., ser penetrado sexualmente, um termo pejorativo recorrente na literatura, cf. Puccini-Delbey (2010, p. 110), Walters (1999, p. 30).

¹⁷ Cf. Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, I, 57-58.

¹⁸ A Monarquia acaba após o estupro de Lucrécia. No *Satyricon*, o triângulo amoroso desfaz-se após esta tentativa de estupro, cf. Petr. *Sat.* 10.6-7 e 80.4-7.

caracterização daqueles que praticam tais papeis, Encólpio, Ascilto e Gitão referem-se entre si com os mesmos termos, sobretudo *frater* (que significa, literalmente, irmão, mas é utilizado aqui no sentido de companheiro amoroso, sexual¹⁹), o que os equipara em uma hierarquia moral e sexual²⁰. Tal trecho, por conseguinte, contradiz o *penetration model* da historiografia foucaultiana e o *subject-verb-object model*, criticado por Amy Richlin, enquanto modelos únicos; ignora a suposta perversidade do ser passivo, que defende Paul Veyne; elimina a ênfase nas oposições binárias, afirmadas por Géraldine Puccini-Delbey; finalmente, centra-se no discurso hegemônico romano, de Jonathan Walters, apenas com a finalidade de subvertê-lo.

As relações sexuais entre homens na Roma Antiga podem ser mais complexas do que defende muitos historiadores. Em um único e curto trecho, como visto acima, a moral viril é subvertida e esvaziada de efetividade, estando Ascilto no cerne destas reconfigurações, ele que deveria ser o ofendido. Fizéssemos um exercício criativo de imaginar os personagens do *Satyricon* como se tivessem sido reais, não meros construtos ficcionais, produzindo suas biografias, como outrora já fora feito para Trimalquião (Veyne, 1961), e as questões que coloca Amy Richlin (“*whose sexual attitudes? When? Did people take this seriously? What people? What other information is available?*”), anteriormente mencionadas, quando respondidas, poderiam criar outras visões possíveis acerca da homossexualidade masculina em Roma. E assim, desviando-se do *uir*, seria possível ter uma visão mais complexa da questão tratada, que compreenda não apenas aqueles que produzem e vivem sob a norma, mas também aqueles que vivem em sua inadequação, ou mesmo sua negação. Para isto, que o historiador escolha ser participante da História, não mero espectador, e procure aquilo que, por exemplo, Jonathan Walters tinha consciência da possível existência, mas não quis procurar. O que se achará em Roma, provavelmente, são homossexualidades masculinas diversas, complexas, não necessariamente assimétricas. Finalmente, “ter prazer virilmente ou dar-se

¹⁹ Ocorre quatro vezes: Petr. Sat. 9.2, 3, 4 e 9.

²⁰ Também são utilizados outros termos *comes* (companheiro, cf. 9.4) e *puer* (utilizado aqui para Gitão, por ser ele mais jovem, cf. Petr. Sat. 9.2 e 9). Note-se que *puer* possui ao menos três significados: pode referir-se a um jovem do sexo masculino, a um escravo de qualquer idade, ou mesmo àquele que é tido como objeto sexual (Richlin, 2015, p. 353). No entanto, Gitão também é referido como *frater* (*habitu fratris*, Petr. Sat. 9.3).

servilmente” (Veyne, 2010, p. 233) talvez, na realidade, para muitos não fosse *tudo*.

Bibliografia

Fontes:

PETRÔNIO. *Satyricon*. Edição bilingue: latim-português. Tradução: Sandra Maria Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

TACITUS. *The Annals*. Tradução: J. C. Yardley. Oxford: Oxford University Press, 2008.

TITO LÍVIO. *História de Roma*. Vol. I. Tradução: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1990.

Livros e artigos:

ADAMS, J. N. *The Latin Sexual Vocabulary*. Londres: Duckworth, 1982.

BLOCH, M. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Tradução: A. Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002 [1944].

BOSWELL, J. "Revolutions, Universals, and Sexual Categories." In: CHAUNCEY JR., G.; DUBERMAN, M.; VICINUS, M. (Orgs.) *Hidden From History: Reclaiming the Gay and Lesbian Past*. Londres: Penguin, 1991 [1989].

_____. *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality*. Chicago e Londres: The Chicago University Press, 1980.

CROMPTON, L. *Homosexuality and Civilization*. Cambridge e Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2003.

FAVERSANI, F. *A pobreza no Satyricon, de Petrónio*. Ouro Preto: Editora UFOP, 1998.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade. A vontade de saber*. Tradução: M. T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2012 [1978].

GARTON, S. *Histories of Sexuality*. Londres: Equinox, 2004.

HALPERIN, D. *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Homosexuality*. Nova York: Routledge, 1989.

MATZNER, S. "From Uranians to Homosexuals: Philhellenism, Greek Homoeroticism, and Gay Emancipation in Germany: 1835-1915". In: *Classical Receptions Journal*, vol. 2, Iss. 1, 2010, p. 60-91.

ORMAND, K. "Foucault's *History of Sexuality* and the Discipline of Classics". In: HUBBARD, T. K. (Org.) *A Companion to Greek and Roman Sexualities*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014.

PRAG, J.; REPATH, I. *Petronius: A Handbook*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

PUCCINI-DELBAY, G. *A vida sexual na Roma Antiga*. Tradução: T. Albuquerque Marques. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010 [2007].

RABINOWITZ, N. S. "Introduction". In: _____.; RICHLIN, A. (Orgs.) *Feminist Theory and the Classics*. Nova York: Routledge, 1993, p. 1-20.

RABINOWITZ, N. S.; RICHLIN, A. (Orgs.) *Feminist Theory and the Classics*. Nova York: Routledge, 1993.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução: I. C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1998].

RICHLIN, A. "Reading Boy-Love and Child-Love in the Greco-Roman World." In: MASTERSON, M.; SORKIN, N.; RABINOWITZ, N.; ROBSON, J. (Orgs.). *Sex in Antiquity: Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World*. Londres: Routledge, 2015.

_____. "Sexuality and History." In: PARTNER, N.; FOOT, S. (Orgs.) *The SAGE Handbook of Historical Theory*. Londres: SAGE, 2013.

_____. "Sex in the *Satyrica*: Outlaws in the Literatureland." In: PRAG, J.; REPATH, I. (Orgs.) *Petronius: A Handbook*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

_____. "Eros Underground: Greece and Rome in Gay Print Culture, 1953-1965". In: *Journal of Homosexuality*, 49.3-4, 2005, p. 421-461.

_____. "Introduction". In: _____. *The Garden of Priapus. Sexuality & Aggression in Roman Humor*. Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1993a.

_____. "Not Before Homosexuality: The Materiality of the *Cinaedus* and the Roman Law against Love between Men". In: *Journal of the History of Sexuality*, vol. 3, n. 4, 1993b, p. 523-573.

SHARPE, J. "A história vista de baixo". In: BURKE, P. (Org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992 [1991], p. 39-62.

SKINNER, M. *Sexuality in Greek and Roman Culture*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2014 [2005].

VEYNE, P. "A homossexualidade em Roma". In: _____. *Sexo e poder em Roma*. Tradução: M. de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008 [1981].

_____. "Vie de Trimalcion". In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, vol. 16, n. 2, 1961, p. 213-247.

WILLIAMS, C. *Roman Homosexuality*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 2010 [1999].